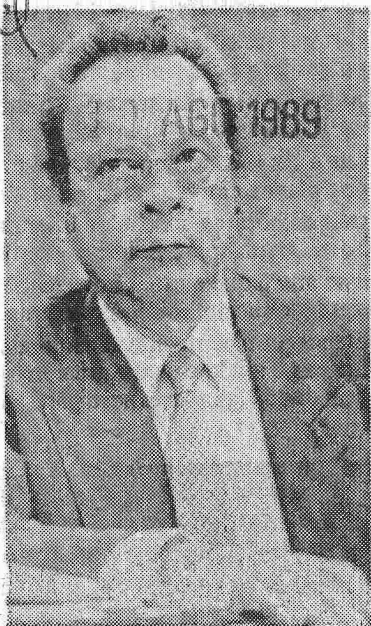


Como sair da ficção, desafio para o México

A economia mexicana vive hoje o desafio de "sair da ficção". Retomar o crescimento e controlar a inflação, com o descongelamento dos preços públicos e privados, é a tarefa a ser enfrentada em breve pelo governo, segundo o ex-ministro da Fazenda Jesus Silva Herzog. Essa volta à realidade fica ainda mais arriscada diante do provável retorno à mesa de negociações com os credores externos. "O alívio proporcionado pela entrada do México no Plano Brady é insuficiente", considera Herzog. Ele acha que só em dezembro será possível saber, de fato, qual o nível de adesão dos bancos ao pacote negociado pelo governo mexicano.

Herzog fez uma avaliação bastante crítica do comportamento do México até o estouro da inflação em 82 e da própria estratégia adotada para contê-lo. "Com a descoberta de grandes reservas de petróleo e a fartura de dólares no mercado, passamos a agir como novos ricos", ironiza. "E os recursos se esgotaram antes do que se esperava."

Em 82, a inflação bateu nos 100% e o governo foi obrigado a suspender os pagamentos da dívida externa. A nova administração, que chegou ao poder naquele ano, baixou um pacote ortodoxo, incluindo aperto monetário e fiscal. Nesse ponto ele tem algumas recomendações para outros países empenhados em programas de estabilização. "Não dá para impor um



Edu Garcia/AE

Herzog: Plano Brady não basta

corte horizontal de gastos públicos, porque no final das contas tudo fica como antes. É preferível extinguir projetos específicos." Herzog reconhece que, no México, havia muito mais uma "retórica de controle da inflação do que uma disposição de agir nessa direção".

Em 87, a inflação chegou a 160% e foi preciso ir mais fundo. No final do ano, foi firmado o Pacto de Solidariedade Econômica com novo corte de gastos e congelamento de preços. Os resultados estão aí. A inflação desceu para 60% em 88 e neste ano deve ficar em 20% a 25%. O crescimento — literalmente zero, de 82 a 88 — pode ir a 1%. E o Tesouro, que antes arcava com um déficit de 17% do PIB, já exhibe um superávit de 8%. Em contrapartida, os salários estão praticamente a 50% do nível dos anos 80 e o mercado informal de trabalho explodiu.